

ROGÉRIO TUMA

Tortura nunca mais?

Um estudo mostra que os EUA dão aos presos de guerra um tratamento equivalente às piores agressões físicas

Alguns países parecem ter adotado a irônica definição de Millôr Fernandes para democracia ("é quando eu mando em você") e ditadura ("é quando você manda em mim") para ignorar a dignidade humana de prisioneiros de guerra.

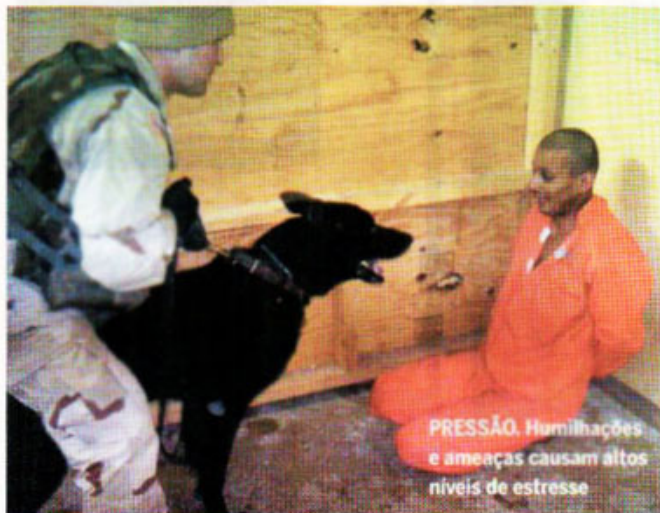
Um importante artigo foi publicado nos *Archives of General Psychiatry* deste mês, para provar que o efeito do tratamento dado aos prisioneiros de Guantánamo em nada difere das práticas mais sórdidas e violentas de tortura, e dá a base científica para que autoridades internacionais as proibam rígida e eficazmente.

O estudo, desenvolvido pelo dr. Metin Basoglu e colaboradores do King's College da Universidade de Londres, avalia o impacto da tortura não física nos sobreviventes das guerras mais recentes. Foram entrevistados 279 pessoas torturadas em Sarajevo, na Bósnia-Herzegovina, Banja Luka e Belgrado, na Sérvia, e Rijeka, na Croácia, sobre as agressões não físicas sofridas – humilhações, manipulações psicológicas, exposição a condições ambientais aversivas e estresse forçado. Essas situações foram comparadas às torturas físicas quanto ao impacto na geração de estresse pós-traumático e na perda de controle psíquico dos torturados. Foi demonstrado que o efeito em nada diferiu do provocado pelas torturas físicas.

Tortura é definida como a provocação de intensa dor ou sofrimento físico ou mental em alguém, com propósitos particulares. Porém, os militares americanos de Guantánamo escolheram uma definição mais curta e retiraram o efeito psicológico de seus relatórios, permitindo que fossem adotados, nos interrogatórios, máscaras, vendas, cordas, privação de sono, fome, sede, nudez forçada, exposição ao frio e à escuridão e outras manipulações psicológicas, para romper a resistência do

prisioneiro. A definição de tortura psíquica deveria incluir a duração prolongada e intensa das ações, além da comprovação das profundas mudanças no estado psicológico dos prisioneiros. O artigo mostra que, apesar dos limites bem definidos, as práticas de interrogatórios dos americanos não passam de tortura.

Dos voluntários entrevistados, foram



excluídos 49, cuja fonte maior de estresse foi a guerra em si e não as práticas de tortura, dos 230 restantes, 76% tiveram síndrome de estresse pós-traumático (SEPT) – outros 56% ainda sofriam de SEPT na ocasião da entrevista. A depressão ocorreu em 17,4% dos ouvidos, enquanto 17% padeciam de depressão grave mais de dois anos depois da prisão. Dos que sofreram mais estresse, 30% desenvolveram depressão.

Mais de 80% dos entrevistados relataram ter recebido pelo menos 30 tipos de tortura estressante durante o aprisionamento. O estresse desencadeado por situações de humilhação e ameaça, como ver prisioneiros torturados, ser amarrado pelos genitais e isolado, foi semelhante ao estresse causado

pela tortura física e maior que o provocado por ações de privação como sede, fome, escuridão e falta de assistência, apesar de esses últimos terem recebido também alta nota nas escalas de estresse.

Das torturas físicas, a mais comum foi o espancamento, que ocorreu com mais de 80% dos entrevistados. Apesar de ser difícil separar os efeitos da tortura não física nesses indivíduos, os autores os separaram em três grupos de acordo com a associação das duas modalidades de tortura. Porém, perceberam que a intensidade da tortura física pouco interferia no desen-

cadear de SEPT ou depressão. Além disso, viram que os efeitos psíquicos da tortura não física isolada podem causar catástrofes psíquicas de mesma gravidade que as associadas à tortura física.

Os autores concluem que técnicas agressivas de interrogatório ou aprisionamento, que incluem privação das necessidades básicas, isolamento, manter posturas forçadas, tratamento humilhante e outras práticas de manipulação psicológica, preenchem integralmente os critérios de tortura e devem ser abolidas nos países que respeitam os direitos humanos. Não há diferença alguma entre tortura e tratamento cruel ou degradante, como querem alguns.

Existe um fundamental agravante nisso tudo, pois uma das poucas ações que

"Poder de um lado e medo do outro formam a base da autoridade irracional."

ERICH FROMM (1900-1980).
PSICANALISTA ALEMÃO

melhoram o estresse e a depressão do torturado é a demonstração de ódio e revolta contra o torturador. Nesse caso, a vítima pode ser também o cidadão do país que tortura.

Este artigo é fundamental para mostrar às autoridades internacionais

que elas podem e devem interferir nas práticas de interrogatório não só dos EUA, mas de todos os países que não respeitam a dignidade humana. A revista também demonstrou coragem ao oferecer a todos a íntegra do artigo gratuitamente. Acesse <http://archpsyc.ama-assn.org>. ■